
O corpo e os afetos: a construção da subjetivação na poesia ondjakiana

The body and affections: the construction of subjectivation in Ondjakian poetry

Elisangela Silva Heringer ¹

RESUMO: Este artigo pressupõe analisar a produção poética do escritor angolano Ondjaki com o intuito de coletar e mapear alguns elementos da relação entre corporeidade, afeto – enquanto afecção e como afetividade entre pares – e a possibilidade de perceber o(s) outro(s) em face da busca de (re)construção e (re)definição do “eu” em princípios de devir e metamorfoses.

ABSTRACT: This article aims to analyze the poetic production of the Angolan writer Ondjaki in order to collect and map some elements of the relationship between corporeality, affection - as affection and also as affectivity between peers - and the possibility of perceiving the other(s) in the face of the search for (re)construction and (re)definition of the "I" in principles of becoming and metamorphoses.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Afeto; Corpo; Subjetivação; Ondjaki

KEYWORDS: Poetry; Affection; Body; Subjectivation; Ondjaki

“de tanto imitar os bichos moldei-me mais humano.

soprar com afecto o chão que se pisa traz ecos de

sabedoria” (ONDJAKI, 2010, p. 39)

¹ Doutoranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense.

A citação em epígrafe aponta para a temática basilar deste artigo: a relação entre o EU², o afeto e a subjetivação na produção poética do angolano Ondjaki. Ndalu de Almeida (Ondjaki) nasceu em Luanda, em 1977, onde lançou seu primeiro livro em 2000: o *Actu Sanguineu*, que, segundo o próprio autor, é “uma reunião, talvez extensa, de poemas escritos no fim da adolescência” (ONDJAKI, 2010, p. 7). Dono de vasta produção literária, que inclui romance, conto, texto teatral e poesia, recebeu importantes prêmios literários, como o Prêmio Literário José Saramago, em 2013, com *Os transparentes* (2013), e o Prêmio Jabuti de Literatura, em 2010, com o também romance *Avódezanove e o segredo do soviético* (2009). No âmbito acadêmico, muitos são os trabalhos que se dedicam ao estudo da prosa e das produções infanto-juvenil do autor. No entanto, apesar da publicação dos cinco livros de poesia de relevante valor estético e literário, o estudo da sua poética ainda é incipiente.

Em suas obras, percebe-se certas recorrências temáticas que envolvem a presença da infância em produções autoficcionais e o exercício da revisitação do passado em tom memorialístico e crítico, problematizando a história angolana e o tempo presente. Contudo, sua obra é reconhecida pelo caráter otimista, pela poeticidade que emerge das construções linguísticas e textuais – bem como na constituição dos personagens – e pela presença de fragmentos históricos e elementos culturais angolanos.

Nas produções poéticas, afloram questões relativas ao fazer poético e à subjetividade. Desta forma, para além da fruição estética, busca-se perceber, pelas

² O termo será destacado dado o caráter enfático que se busca na construção da subjetividade nas obras analisadas.

obras aqui analisadas, as relações entre texto poético, corpo, subjetividade e afeto, que figuram como facetas refratárias na composição textual e temática. O retorno à epígrafe já permite vislumbrar a potência da simbiose que sinaliza que se tornar humano, ou seja, construir uma identificação, é possível a partir da imitação de um outro ser. Essa prática aposta, portanto, na projeção e no constructo de um devir-subjetivo. A relação entre o fazer poético e a elaboração de uma subjetividade associada à existência dá a tônica em muitos poemas do autor, como observado no poema de *Dentro de mim faz sul*.

escrevo no corpo
com o sangue da noite
(...)
inscrevo no corpo
novas margens
para o meu território
busco o sono e a paz
– um olhar manso – o retrocesso no que fosse
avanço
escrevo no corpo
porque o outro de mim
se afasta
porque o mundo assim como sou
não me basta
(ONDJAKI, 2010, p. 57)

Algumas questões atravessam esse poema quanto à subjetividade, às suas formas de representação e à corporeidade, elementos que se relacionam intimamente entre si na obra ondjakiana. Nesse sentido, o corpo – local onde se escreve e se inscreve, e que se quer representar e ser representado – se tensiona com o mundo que não basta ao sujeito poético que nele se enuncia. Esse território próprio busca no poder da palavra outros limites – ou não – para a sua dimensão corporal, que se quer expandida e expansível. Nessa procura, deseja explorar outros

meios de ser pelo experimentalismo de outras formas e de outras figurações para si. Interessa notar, portanto, que, ao longo da produção poética ondjakiana, observa-se uma recorrência a esses deslimites do corpo e das identidades, refletido em outras formas de estar e de ser no mundo representado ficcionalmente. Essas modulações identitárias, sendo material de produção e de reflexões poéticas, permitem fugas de possível automatismo relacionado à identificação e à relação do homem consigo e com o seu mundo. Elas sustentam a possibilidade de vivenciar outros modelos de ser/estar, como expresso nos versos: “regresso porque / acima de tudo / me quero experimentar” (ONDJAKI, 2010, p. 125).

Esse desejo pela experimentação subjetiva e pelo (re)conhecimento de si aparece também em “apetece-me chã-ser-me.” (ONDJAKI, 2010, p. 9). Nesse verso, o jogo fônico no neologismo proposto utiliza dois vocábulos comuns na poética do autor – “chã” e “ser” – que são constantemente referenciados nas obras e reforçam o seu caráter plurissignificativo e identitário nas obras. Esses termos se relacionam com elementos identitários e provocativos de outros sentidos que o labor poético acolhe, promove e transforma na (re)configuração do sujeito.

Acerca dessa peculiaridade da linguagem poética, Octavio Paz afirma que “[p]alavras, sons, cores e outros materiais sofrem uma transmutação quando ingressam no círculo da poesia. Sem deixar de ser instrumentos de significação e comunicação, transformando-se em ‘outra coisa’” (PAZ, 2012, p. 30). E essa outra coisa pode ser associada à representação e à construção da identidade por meio de transposições metafóricas e de deslizamento de sentidos, que exploram a potencialidade das palavras e dos recursos literários.

Mapear os elementos simbólicos e poéticos nas obras do poeta angolano e tentar precisar as suas escolhas é tarefa escorregadia – tal qual peixe ensaboado –,

ainda que certos indícios e índices, presentes nas epígrafes, dedicatórias e prólogos, parecem apontar e sugerir leituras e ainda alguns (possíveis) sentidos que vão sendo construídos ao longo da análise do *corpus* poético.

Quando se analisa as obras *Dentro de mim faz sul seguido de Acto sanguíneo* (2010), *Há prendisajens com o xão (o segredo húmido da lesma & outras descoisas)* (2002) e *Materiais para a confecção de um espanador de tristezas* (2009), nota-se um *continuum* temático que aponta para a relação entre corporeidade e construção da subjetividade. Essas presenças constantes nos conduzem ao pensamento de Linda Hutcheon sobre a ideia de adaptação. Para a teórica, das três perspectivas acerca desse conceito, a ideia de “transposição anunciada e extensiva de uma ou mais obras em particular” (Hutcheon, 2013, p. 29) interessa aqui porque ela se materializa na recorrência de elementos utilizados para a feitura dos poemas e das imagens poéticas que se relacionam diretamente a ideia de corporeidade e a de subjetivação. A aceção de que a “adaptação é uma forma de intertextualidade (...) palimpsestos por meio da lembrança de outras obras que ressoam através da repetição com variação.” (HUTCHEON, 2013, p. 30) também é profícua para nossa análise, uma vez que esses poemas parecem compor um grande mosaico problematizador do EU, que não se quer fechado, completo ou único. Nesse sentido, as permanências e as adaptações são faces de um projeto estético, poético e afetivo elaborado pelo autor e observado em sua produção como um processo intertextual e dialógico, que se dá também com outros escritores.

Para um mergulho na poesia ondjakiana, o prólogo “dentro de mim...”, da obra *“Dentro de mim faz sul”* (2010) é um ponto de partida de onde se pode eleger algumas possíveis chaves de leitura e alguns códigos cartográficos para acessar o mundo poético ondjakiano. Quando nele discorre sobre seu primeiro livro de poesia,

“Actu sanguíneu³”, publicado em 2000, o autor confessa, apostando na poeticidade, que a descoberta de “manobras linguísticas se tornara veículo para dizer os mundos que me andavam por dentro” (ONDJAKI, 2010, p. 7). Nessas viagens internas, como nomeia, figuravam “poemas vestidos de cores, cheiros, dores. Ecos do que também andava a ler e a descobrir” (ONDJAKI, 2010, p. 7), em flagrante exercício do sensível, além da defesa de que havia um mundo interno que precisava ser experimentado e materializado via produto poético. Ondjaki alerta ainda para as marcas trazidas em seus textos de leituras feitas de outros poetas com quem afetivamente dialoga em muitas de suas poesias.

Após considerar o amadurecimento e as experimentações linguísticas e formais experimentado nos anos que separaram o primeiro livro, *Actu Sanguineu*, do que celebra em edição especial, *Dentro de mim faz sul seguido de Acto Sanguíneo* (2010), o poeta nos revela que “o universo da poesia (...) são portas que conduzem a um lado mais interno”, (ONDJAKI, 2010, p. 8) para as entrâncias, logo, para o universo de dentro do EU. Confessa ainda que “também escrevo para me redescobrir, para errar, para (me) aprender novamente” (ONDJAKI, 2010, p. 9). Dessa forma, esse “actor sanguíneo” (ONDJAKI, 2010, p. 125) requisita e encena uma multiplicidade de EUS que propicia a experimentação de outras formas de existência nos poemas. A relação entre o sujeito e o mundo – interno ou externo – se revela mediado pelo processo de revisão e de construção da subjetividade pelos territórios, pela interação entres os seres e pela poética dos afetos. Mas a pergunta gerativa até aqui é: que EU é esse que se busca acessar pelo exercício poético?

³ Utilizo aqui a grafia do título original publicado em 2000. Na edição de 2010, o autor adota a grafia “Acto sanguíneo”.

Esse EU, que se problematiza e se reconhece em falta ou em transmutação identitária nas poesias, é dotado de um corpo ou corpos que, por meio da percepção e da corporeidade, constroem relações entre si, o outro e o mundo. Essas interações construtivas, subjetivas e de alteridades, sem a intenção de singularizar e nem esgotar a construção do sujeito poético e nem as suas realizações internas e externas, promovem o deslocamento de significações e as práticas de subjetivação. Essas se constituem como processos de tornar-se sujeito, que incide sobre a construção da subjetividade a partir das relações que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com o seu espaço e os elementos que o compõem. Conseqüentemente altera o seu modo de pensar, de ser, de agir e de perceber a existência, tanto a sua própria como a dos demais seres.

O filósofo Maurice Merleau-Ponty, em *Fenomenologia da percepção* (1999), afirma que “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 122). Sustenta ainda que é o mundo que fornece a consciência sobre o corpo, de forma que eles figuram, portanto, como estruturas recíprocas e refratárias em constante relação. Nesse sentido, quando Ondjaki relata, no prólogo já referido, que seus textos são marcados por “explosões sensoriais” (ONDJAKI, 2010, p. 7), ele estaria se referindo a corpos que percebem o mundo empírico tornado ficcional e nele atuam, criando outras formas de representá-los, por intermédio da percepção e das sensações corporais, entendidas muito além da ideia da sinestesia como figura de linguagem. Sensações essas que o discurso poético vai ressignificar e ampliar em outros sentidos, investindo nas transposições metafóricas, na assunção e na valorização de outros formatos corporais metamórficos. O corpo acaba sendo o espaço por excelência

para as experimentações e para as buscas de representações do EU como observados nos versos: “o mundo /assim como sou/não me basta” (ONDJAKI, 2010, p. 57). Esse EU deixa transparecer que encarna em si a simbiose com o mundo – note os termos MUNDO e SOU –, mas que estar inserido nele ou o sendo não é o bastante para a satisfação de uma identidade ou para a defesa de um propósito existencial. Por isso, o sujeito poético assume: “quero outras dimensões que não eu” (ONDJAKI, 2010, p. 51) e “uma nova pele” (ONDJAKI, 2010, p. 59). Ele assim, requisita outros EUS e outros mundos, que não se dissociam e que podem ser acessados e experimentados por estratégias poéticas e transposições subjetivas.

A obra *Dentro de mim faz sul* (2010) já traz no próprio título provocações relativas à identidade, ensejada, *a priori*, pela metáfora do sul como indicadora de um outro lugar, um outro ponto cardeal para além daquele ocupado pelo sujeito. Na seção “heras cintilantes”, um longo poema se dedica a descrever como o sujeito poético se define e/ou se compõe. A circularidade do poema, que se inicia com referência ao chão com o verso “ou o meu chão” (ONDJAKI, 2010, p. 44) e termina evocando a metáfora da semente, evocando uma relação vital, para além da alusão ao processo cíclico de se constituir como sujeito e da busca identitária, permite ilustrar o percurso que o EU faz para a constituição de si. Para tal, elege elementos reais e poéticos como o lodo, a noite, o raio, a nudez da música, a luz ou o lado secreto da lua ilustrando as suas matérias-primas. A corporeidade também se faz presente nesse processo por meio da referência às sensações e às sinestésias como nos fragmentos poéticos: “sou o olhar curioso”, “a quentura da areia”, “o cheiro antigo do livro” (ONDJAKI, 2010, p. 45). Nessa simbiose de fragmentos formadores desse complexo que é o EU, a voz poética finaliza seu processo identitário com uma assertiva acerca de si:

Sou o meu chão
a minha chuva
(...)
sou um qualquer bicho
formiga lesma gafanhoto
(...)
sou um pássaro fugaz
inquieto
esperando a vez do novo ser
e olhando a chuva
em mim me deito
raiz, semente
pessoa
por acontecer. (ONDJAKI, 2010, p. 44-46)

A estrutura do poema reforça os experimentalismos que se associam tanto à feitura textual como à busca da constituição de um EU. Observa-se, pela subversão das regras gramaticais, o fenômeno da singularização dos bichos escolhidos, que constituem um único verso e sem a utilização da vírgula para separar cada espécie. Tal recurso é utilizado como um fomentador de elementos identitários, pois os animais deixam de ser únicos para aderirem a uma identidade coletivizada, de modo que sejam apenas bichos.

O poema traz em seu bojo a ideia de que o sujeito, enquanto semente e raiz, é um ente ainda por ser e por acontecer, logo, um devir. Nesse sentido, a indefinição de qual forma será a sua constituição corporal, dilui as fronteiras entre humanos e animais, que podem dividir ou transmutar identidades.

Além disso, esse sujeito que se reconhece “nas lacunas das partes e o resto” (ONDJAKI, 2010, p. 45) sabe que um dos pontos de partida para a concepção de um EU é o seu próprio eu-corpo, que se transforma em chão e em base. Isso porque, pela corporeidade, ele capta do mundo os elementos com que tenta se (re)construir, ciente da incapacidade de se completar e que faz da percepção corporal um instrumento para o exercício existencial e subjetivo. Nessa seara, Merleau-Ponty

defende que “as sensações, as qualidades sensíveis, estão longe de reduzir à experiência de um certo estado ou de um certo *quale* indizível (...) estão envolvidas por uma significação vital” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 282-3). Logo, as relações entre corpo, objeto e espaço, em face de capacidade perceptiva, fomentam o processo de subjetivação.

No referido poema, opta-se por reforçar a condição indefinida e de incompletude do EU e utiliza-se para tal o sujeito oculto nas construções sintáticas do poema. A utilização do verbo “sou” (e a sua omissão), ao longo do texto, confirma que esse sujeito poético não se figura como um todo constituído, solidificado, cartesianamente apresentado, mas em “uma celebração móvel, formada e transformada continuamente” (HALL, 2011, p 13). Poeticamente, é aquela semente lançada ao chão e regada à chuva, que não sabe o sementeiro – do grão ou da palavra, ou de ambas – qual novo ser brotará.

Esse processo não concluído do ser revela que, citando ainda Stuart Hall, “identidades são, pois, identificações em curso.” (HALL, 2011, p. 135), que trazem como marcante o fato de que elas “não são rígidas, nem muito menos, imutáveis.” (HALL, 2011, p. 135). Isso justifica o uso do conceito de subjetivação, utilizado já algumas vezes, em face da ideia de movimentação que o processo sugere, em vez da de estagnação e da rigidez presente no sufixo “-dade” de subjetividade, embora também recorramos a ele.

Essa ideia é defendida por Michel Foucault que também imprime à questão da subjetividade um caráter ativo quando a associa a um processo ou a práticas em relação ao mundo. Na evolução das ideias foucaultianas, a subjetividade que estava ligada à sujeição, passa a se relacionar com a ideia de liberação e de liberdade, como defende:

Em primeiro lugar, penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Eu sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição (assujeitamento) ou, de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural (FOUCAULT, 2006, p. 291).

Nessa toada, tornar-se sujeito é um processo que está relacionado com práticas de si que são alimentadas pelas experiências e pelas relações entre os seres de forma dinâmica, histórica e cultural. Nesse sentido,

o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social (FOUCAULT, 2006, p. 276).

O sujeito poético de Ondjaki promove a busca da prática de si e a subjetivação do EU. Nesse processo, o corpo e a corporeidade possibilitam a assunção de outras identificações e de experimentar outras subjetivações e outros devires, como ocorre nos versos do poema “PARA PÔR PAZ”. Na obra, o contato com o outro ou com o próprio meio transforma o indivíduo, que se assume metamorfoseado: “Eu libelizo-me.” (ONDJAKI, 2011, p. 12). Por intermédio da construção verbal e das marcas da 1ª pessoa, fica notório que é o próprio sujeito o agente do seu processo de metamorfose, logo, da constituição e da expansão do próprio EU. Ao longo do poema, evidencia-se ainda a metaforização na busca e na transposição identitária para outros seres, reiterando o processo metamórfico que se encontra entre o homem e os elementos naturais como práticas de se sujeitar, de modo que essa

simbiose promove a subversão das suas funções biológicas pré-definidas, desestabiliza os arranjos semânticos e cria novos sentidos para o ser e para a sua corporeidade.

PARA PÔR PAZ
libélulas avoam danças
aranhas cospem tranças;
morcegos ralham noites
ursos linguam potes;
raposas agalinham-se
ondas engolfinham-se;
carochinha avoa voa
preguiça dorme à toa;
toupeiras entumam-se
grilos estrelam-se;
noites adescuem
estrelas agrilam-se
eu libelizo-me. (ONDJAKI, 2011, p. 12)

A associação entre o EU e os elementos da natureza, em reforço do processo de subjetivação, é reiterado em vários poemas do escopo poético do autor, por meio de diferentes estratégias e pela constituição de várias camadas textuais. Nos jogos metamórficos, é interessante ressaltar que, muitas vezes, não se trata apenas de assumir uma outra forma identitária, momentânea e superficial, mas, ao contrário, se afirmar como mais humano, ciente da exposição e da necessidade de investir na subjetivação. Essa ideia é expressa poeticamente na epígrafe que novamente recuperamos pela força simbólica que os seus versos expressam: “de tanto imitar os bichos moldei-me mais humano. / soprar com afecto o chão que se pisa traz ecos de/ sabedoria” (ONDJAKI, 2010, p. 39).

Na construção da subjetivação, o afeto exerce papel preponderante na poética ondjakiana, seja pelo seu entendimento como relações de proximidade entre indivíduos ou por afecção, no sentido spinoziano. O filósofo Baruch Spinoza defende

que “[p]or afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” (SPINOZA, 2021, p. 98). A busca por experimentar outros EUS é norteadada pela afetação do corpo e pelo movimento de permitir ser um outro, de forma que a construção de uma subjetividade passa tanto pelo desejo como pela afecção, uma vez que o “desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira” (SPINOZA, 2021, p. 140).

Ao se debruçar sobre a relação entre afeto e poesia, a professora Carmem Lúcia Tindó Secco sustenta também que o afeto é “uma força propulsora” que se relaciona com o corpo e com a mente. E sobre as afecções, defende que

[a]s afecções são modos de sentir que afetam, principalmente, o corpo; são imagens ou ideias que se manifestam como emoções, sentimentos, provocados por causas externas, sensações. A emoção (*emotus*) age sobre o corpo. Já os afetos são provocados por algo interno; encontram-se na dimensão do sensível, das pulsões, dos desejos, das paixões, atuando, ao mesmo tempo, sobre o corpo e a alma.” (SECCO, 2014, p. 14)

Nesse sentido, o corpo do sujeito poético experimenta tanto as afecções como os afetos, enquanto causa e efeito. As relações, que partindo da corporeidade motivam as subjetivações, passam pela afecção que a observação de animais e suas formas de interação com o mundo propiciam. Esse mesmo corpo que percebe o seu redor experimenta o afetar-(se), processo capaz de agir sobre o seu processo identitário, que lhe fornece subsídios para a sua des- e re-construção por meio de figurações afetivas. Esses elementos figurativos retirados dos espaços naturais surgem como potências emancipatórias do EU, que não quer ser fixado em e por modelos padrões de ser e de existir.

Para a construção de poemas, o afeto, como aquela provocação interna ligada agora à afetividade e enquanto sentimento projetado ao outro ou oriundo dele, ocupa espaço relevante na recolha desses traços recorrentes do sensível e do lirismo na formulação do EU. O próprio Ondjaki afirma, em entrevista à Carmem Lucia Tindó Secco, que “os afetos aparecem na forma de familiares, amigos, pessoas queridas, mas também de bichos e ambiências, lugares e memórias fazendo desses afetos pontos de partida (ou de chegada) do próprio poema” (SECCO, 2014, p. 153). Nesse ínterim, compreende-se o afeto também como ponto de partida e de chegada para a própria subjetivação.

Ler as poesias de Ondjaki é perceber traços afetivos com o poeta Manoel de Barros, que também utilizava os elementos da natureza e os animais para subjetivar o indivíduo, como perceptível em “A maneira de dar canto às palavras/ o menino aprendeu com os passarinhos” (BARROS, 2010, p. 459). O poeta brasileiro elegeu o natural como profícuo mote para sua produção poética, na qual se observa o caráter de valorização do desimportante e do desvalorizado e a sua relevância para os processos de constituição do EU. Tanto na sua poética como na ondjakiana, na imitação dos bichos para se humanizar, reforça-se a incompletude do homem e o poder transformador e complementar da natureza. As imagens naturais surgem, portanto, como provocadoras ao indivíduo e à sua existência incompleta.

Em *Há prendisajens com o xão* (2011), Ondjaki marca textualmente essa referência afetiva quando o cita nos agradecimentos: “manoel de barros – distante, me ensinou a importância do chão: que deve ser promovido a almofada, mas ele sobre nós” (ONDJAKI, 2011). E ainda quando a ele dedica o poema Chão, o primeiro do livro, e que, de certa forma, fornece um mapa de leitura da obra. É, portanto, da

poética do escritor brasileiro que o angolano recolhe afetivamente muitas das imagens poéticas que utiliza em suas produções

Seja pelas motivações afetivas ou para a percepção dos exercícios da subjetivação, faz-se necessário analisar o uso das imagens poéticas que o poeta angolano cria ou se apropria. Ao se debruçar sobre fundamentos da poesia, Octavio Paz, em *O arco e a lira* (2012), dedica-se ao estudo da imagem e a sua relação com o poema, afirma que

A imagem não se explica: convida a recriá-la e, literalmente a revivê-la. O dizer do poeta se encarna na comunhão poética. A imagem transmuta o homem e o transforma por sua vez em imagem, isto é, espaço onde os opostos se fundem. E o próprio homem, dilacerado desde o nascimento, se reconcilia consigo mesmo quando se torna imagem, quando se *torna outro*. (PAZ, 2012, p. 119)

O teórico assevera ainda que “[a] poesia leva o homem para fora de si e, simultaneamente, o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si.” (PAZ, 2012, p. 119). Tal postulação reitera o movimento de retorno, de busca e de metamorfoses presente tanto na poética de Manoel de Barros como na Ondjaki.

O poema “Chão”, além de um elogio afetuoso ao resgatar elementos comuns da poesia de Manoel de Barros, sustenta a ideia anteriormente expressa de um eu-mente e a todo o movimento circular de se desconhecer e voltar-se novamente para si para se (re)conhecer e se esculpir, em analogia com o exercício bíblico criacional.

CHÃO
apetece-me des-ser-me;
reatribuir-me a átomo.
cuspir castanhos grãos
mas gargantadentro;

isto seja, engolir-me para mim
poucochito a cada vez.
um por um: areios.
assim esculpir-me a barro
e re-ser chão. muito chão.
apetece chãonhe-ser-me.
(ONDJAKI, 2011, p. 9)

O jogo fônico-semântico com os vocábulos e com as construções sintáticas reitera o reencontro com o chão que propicia a busca de um EU que seja maior do que os limites impostos pelo corpo físico humano. No poema, enquanto semente que se quer cuspidada para dentro, o EU expõe o desejo de adquirir outras formas de ser, nascente dentro de si mesmo. O porvir, que a metáfora do chão propicia, se relaciona com a ideia de reconfiguração da forma e da origem porque o eu-semente lançado ao solo brotará e assumirá outras estruturas corpóreas.

Esse corpo constantemente transmutado remete ao devir deleuziano. Segundo Deleuze e Guattari, em *Mil platôs* (2012), o devir não é imitação e nem busca por semelhança. Para os filósofos,

[o] devir não produz outra coisa senão ele próprio. (...) como um devir não tem sujeito distinto de si mesmo; mas também como ele não tem termo, porque seu termo por sua vez só existe tomado num outro devir do qual ele é o sujeito, e que coexistem, que faz bloco com o primeiro. (...) Enfim, devir não é uma evolução, ao menos uma evolução por dependência e filiação (...) devir nada produz por filiação (...) O devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 19)

Uma vez que o “devir é um processo do desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 67), o sujeito poético, ao almejar ser pássaro, lesma ou outro animal, inaugura em si, pela lógica dos devires, a experimentação e a potência do novo. Consequentemente produz as alianças capazes de projetar novas formas de ser, de fazer e de pensar, além de explorar a alteridade (ou a outridade) do homem.

Nesse sentido, a subjetivação, enquanto processo de desvio de uma identidade projetada, rasura o padrão e o esperado, tornando-se linha de fuga de projeções identitárias que, por sua vez, são construídas tanto fora do próprio indivíduo como internamente quando ele segue modelos pré-fixados e que não dão conta de sua experiência existencial.

O processo de subjetivação ocorre, portanto, no deslizamento dos sentidos, das interações e da imagem do próprio corpo e do EU. Acontecem no entre-lugar em que se relacionam e se tensionam o sujeito, as visões de si e do outro, os (des)limites corporais e o mundo. Se para Spinoza, os afetos nos relacionam com o mundo e com a existência e, se para Deleuze e Guattari, há um devir que pode ser associado ao sujeito, a corporeidade que se desenha na poética de Ondjaki é aquela que rompe com a ideia de corpo imutável e aposta na produção de subjetividades e nas formas de impermanências dos seres. O sujeito poético encena, portanto, novas subjetividades em estado poético e apresenta um corpo-devir potente de sentidos para os muitos EUS que podem ser experimentados e construídos.

Os versos do poema “Adeus” revelam que o sujeito poético testemunha outras formas de interagir com o espaço perceptível: “vi o mundo pela sedução da lesma: / tudo artilhado de simplicidade” (ONDJAKI, 2009, p. 25). Essa percepção de outras maneiras de sentir o mundo impacta na forma como o sujeito se reconhece e atua. A partilha dos espaços e do existir em constatação se revela um propósito de comunhão e de ensinamento porque, para o poeta angolano, “o mundo, mesmo partilhado, / é muito a pele de cada qual” (ONDJAKI, 2009, p. 25), da mesma forma que, pelos ensinamentos simplórios da lesma, “reaprendemos assim o lugar das nossas almas” (ONDJAKI, 2009, p. 25).

O corpo presente na poética de Ondjaki não se encerra em si e nem na busca de um EU cartesiano porque é palco de exercício criativo, dialógico, sensível e de alteridade. Ele se constitui no elogio e na convocação do Outro em si mesmo. Revela-se como uma linha de fuga deleuziana na medida em que “para ser grilo / há que ter desnoções” (ONDJAKI, 2011, p. 20). Logo, para escapar das contenções subjetivas há de se reinventar e se transmutar na essência e no corpo. Essa corporeidade é, por conseguinte, atravessada pela transgressão das representações e pelas interações estabelecidas entre pessoas, bichos e coisas, criando personas em trânsitos identitários e afetivos.

Referências

BARROS, Manoel de. *Toda poesia*. São Paulo: Leya, 2010.

CORTES, Mariana Machado. *Processos de identificação na poética ondjakiana*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Trad. Suely Rolnik *et al.* São Paulo: Editora 34, 2012.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Ética, sexualidade, política*. Coleção Ditos e escritos vol. V. Trad. Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 254-287.

FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Ética, sexualidade, política*. Coleção Ditos e escritos vol. V. Trad. Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 288-293.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Trad. de André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.

ONDJAKI. *Há prendisajens com o xão* (o segredo húmido da lesma & outras descoisas). Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

ONDJAKI. *Dentro de mim faz sul seguido de Acto sanguíneo*. Alfragide: Caminho, 2010.

ONDJAKI. *Material para confecção de um espanador de tristezas*. Alfragide: Caminho, 2009.

ONDJAKI. *Os transparentes*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

ONDJAKI. *Avódezanove e o segredo do soviético*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2009.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SECCO, Carmem Lucia Tindó. *Afeto e poesia*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

SPINOZA. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Recebido em 04/06/2024

Aceito em 17/10/2024